MEMÓRIA, IDENTIDADE SOCIAL E O GÊNERO: MULHERES DO CAMPO, RELAÇÕES DE TRABALHO E ESCOLARIDADE NO MUNICÍPIO DE ITUAÇU-BA

Paula Caroline dos Anjos Piloto
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-5046-7229
Endereço eletrônico: paulacarolinepiloto@gmail.com

Ruy Hermann Araújo Medeiros
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-7486-0958
Endereço eletrônico: ruy.medeiros.adv@gmail.com

Palavras-chaves: identidade social; memória; mulheres; campo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a formação da identidade social e da memória coletiva das mulheres do campo no que concerne às dinâmicas de exploração de sua força de trabalho e acesso à educação formal, a fim de compreender o grau de emancipação e de sujeição do sexo feminino dentro desse contexto.

O Brasil do século XXI tem a maior parte de sua população nas zonas urbanas devido à concentração fundiária no campo. Com isso, as populações rurais, sobretudo os agricultores familiares, se tornaram minorias quase esquecidas pelo poder público. A mulher do campo, nesse contexto, enfrenta dinâmicas exploratórias com acúmulo de funções domésticas, cuidado com filhos e trabalho nas lavouras desde muito novas, realidade que as afasta da fruição do direito à educação historicamente conquistado.

Embora a Constituição Federal de 1988 garanta formalmente a educação como direito social de todos, a efetivação desse direito pressupõe condições materiais mínimas que, para essas mulheres, são sistematicamente negadas pela sobrecarga imposta desde a infância. A ausência do Estado na garantia dessas condições, somada à manutenção de estruturas culturais que naturalizam a exploração do trabalho feminino rural, produz um ciclo em que o direito

existe no plano normativo mas não alcança o cotidiano de quem mais dele necessita.

Este estudo faz uso do método qualitativo, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Foi estruturado em uma seção para discussão dos resultados encontrados e conclusões a serem exploradas. Ao final identificou-se a construção da identidade e da memória social como fenômenos decisivos para a continuidade da lógica exploratória do corpo feminino.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Para a construção do referencial teórico, foram utilizadas obras das Ciências Sociais que tratam da memória coletiva e da identidade social, com destaque para os trabalhos de Maurice Halbwachs e Michael Pollak. A análise do contexto empírico apoiou-se em dados secundários provenientes do censo demográfico realizado pelo IBGE em 2022, que subsidiaram a caracterização da população rural feminina no Brasil e, em particular, no município de Ituaçu-BA. A partir desse conjunto de fontes, buscou-se articular os aportes teóricos com o recorte regional proposto, a fim de compreender como a memória coletiva opera na formação da identidade social das mulheres do campo nesse município.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs sublinha a relação intrínseca entre a construção da memória coletiva e o espaço habitado por determinado grupo. Para o autor, cada grupo imprime suas marcas no lugar onde vive, uma vez que as diferentes partes do espaço ocupado correspondem aos diversos aspectos da estrutura e da vida social desse grupo. Dessa forma, o espaço continuamente habitado e impregnado de tradições torna-se elemento determinante para a formação da memória coletiva, funcionando como suporte material e simbólico das lembranças compartilhadas.

Nesse sentido, a ocupação das zonas rurais no Brasil remonta à invasão portuguesa e ao genocídio indígena, aos quais se seguiu a colônia de exploração implementada pela Coroa, que dividiu a terra em grandes latifúndios monocultores voltados à exportação e movidos pelo trabalho escravo. Esse modelo se prolongou pelo período imperial e pela Lei de Terras de

1850, igualmente marcados pela desigualdade e pela concentração fundiária em favor dos mais ricos. No século XX, o quadro foi alterado pelo êxodo rural, impulsionado pelas secas severas no Nordeste e pelo abandono governamental. Por fim, o século XXI representou, no campo, o avanço do agronegócio e o desfavorecimento dos pequenos produtores, o que reduziu ainda mais os índices populacionais nas zonas rurais.

No último censo realizado pelo IBGE (2022) estimou-se que 12,6% dos habitantes do país residem no campo, a Bahia detém a maior soma absoluta de população rural do país, com cerca de 3,3 milhões de pessoas residindo no campo. Chama a atenção o fato de que, ao contrário do que ocorre com a população no geral, onde a predominância é pelo sexo feminino, no campo, o êxodo rural se dá com maior ênfase em relação às mulheres. O Brasil possui 25.561.434 pessoas vivendo em áreas rurais. Desse total, o contingente é composto por 13.064.200 homens (51,1%) e 12.497.234 mulheres (48,9%).

A vivência feminina inserida nos grupos rurais é particular, o trabalho rudimentar depende, muitas vezes, da mão de obra humana que só pode derivar do trabalho reprodutivo feminino, embora haja a modernização do campo, o trabalho manual está longe de ser ao todo substituído. O trabalho doméstico gratuito das mulheres também é outro fator que garante a manutenção das famílias mais pobres. Soma-se, ainda, a mão de obra feminina continuamente explorada informalmente dentro do regime de agricultura familiar. Outro fator é a inserção precoce da mulher nessas rotinas de trabalho, não por acaso, a aposentadoria rural para mulheres é concedida antes.

Partindo desse cenário nacional e adentrando a regionalidade, Ituaçu é um município baiano pertencente à região sudoeste do estado, com 17.914 habitantes registrados no censo IBGE de 2022, IDH 0,570, considerado baixo, segundo a ONU. Sua economia deriva, basicamente, da exploração da agricultura, sua população vive majoritariamente na zona rural, sua realidade quanto à população rural feminina está próxima ao cenário geral: uma rotina exploratória de sua força de trabalho.

Assim, o que se depreende da rotina habitual de uma menina em idade escolar no município é a acumulação de funções domésticas, estudos e trabalho nas lavouras. Isso influi na formação da própria identidade da mulher do campo, pois ainda enquanto menina, ela aprende a servir como serviram as mães, as avós, as bisavós. Os estudos tomam um segundo plano e perdem lugar para o cansaço. Isso, somado ao cuidado com irmãos e familiares,

impõe uma rotina impensável diária que não permite um aproveitamento escolar mínimo.

Segundo Michael Pollak:

> É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, **ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada**. (Pollak, 1992)

Nesse sentido, é possível observar a influência referencial que o passado, a memória social, é capaz de operar na trajetória feminina, funcionando como repetidor de histórias do grupo. Ainda que o sistema de educação tenha avançado e seja possível a disruptura com a lógica exploratória, a formação e repetição da memória, do que é ser e performar como uma mulher nessa comunidade rural, segue as confinando no círculo de exploração:

> Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do **sentimento de identidade,** tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992)

Ou seja, a formação da identidade feminina na região rural do município, carrega a herança de décadas em que a mulher foi privada de educação formal, seja pelo desinteresse do poder público e/ou das tradições familiares, então o sentimento de pertencimento ao grupo gera a continuidade da realidade, onde a própria mulher por vezes não se desprende no círculo de submissão e exploração de sua força reprodutiva e de trabalho, como também o próprio grupo busca manter com assiduidade os mecanismos de coerção que garantem essa continuidade.

CONCLUSÕES

O presente trabalho chega à conclusão de que a formação da identidade social da mulher do campo no município de Ituaçu tem se operado por meio da memória coletiva herdada e continuamente reforçada pelo espaço que habitam. Sujeita às dinâmicas de exploração de sua força de trabalho e força reprodutiva, ela se enxerga e se compreende no mundo ao dar continuidade ao que visualiza na trajetória de seus antepassados. Esse processo é igualmente sustentado pelas pessoas ao seu redor, por meio da linguagem, na medida em que o grupo busca manter sua coesão. Diante disso, a emancipação feminina nesse ambiente

encontra especial obstáculo na resistência da tradição que busca perpetuar as formas de exploração econômica.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Cantauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/censo2022. Acesso em: 07 jun. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol.5 n.10, 1992, p.200-212.